



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

O IMPLÍCITO DA ENUNCIÇÃO NO DISCURSO DE DILMA ROUSSEF

Marilza Nunes de Araújo Nascimento

UFMS/CPTL¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é de investigar e problematizar o implícito da enunciação no discurso da Presidenta da República eleita Dilma Roussef, no sindicato dos metalúrgicos, no ABC paulista, mostrado no dia 10 de abril de 2010 pelo Jornal online O Globo. Justifica-se a referida pesquisa por entender que todo ato enunciativo traz em si marcas de subjetividade e intencionalidade, assim, não se pode negar que os sujeitos envolvidos no processo de comunicação são determinados por uma ideologia. Como lente teórica para desenvolvimento deste trabalho, tem-se Ducrot (1972), Benveniste (1995) e outros teóricos por melhor se prestarem ao objetivo proposto. Espera-se que este trabalho seja relevante de modo a suscitar reflexões no leitor sobre as estratégias discursivas usado pelos elementos envolvidos no processo comunicativo, as quais muitas estão implícitas no enunciado, pois em todo discurso sempre há uma intenção, ou seja, “um querer dizer” sem assumir a responsabilidade de se ter dito.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciatário; Enunciado; Implícito; Intenção

ABSTRACT: The objective of this paper is to investigate and PROBLEMATIZING the implicit enunciation in the speech of the President of the Republic elected Dilma Roussef, United Steelworkers ' Union, in the ABC state of São Paulo(BR), shown on April 10, 2010 by online Newspaper O Globo. It is this search for understanding that everyone without limitation Act brings in other brands of subjectivity and intentionality, thus, cannot be denied that the subjects involved in the communication process are determined by an ideology. As theoretical lens to development of this work, has Ducrot (1972), Benveniste (1995) and other theorists by better if provide the proposed goal. It is hoped that this work is relevant in order to provoke reflection on the reader about the discursive strategies used by elements involved in the communicative process, which many are implied in the utterance, as in all discourse always there is an intention, i.e. "a mean" without assuming the responsibility to have said.

KEY-WORDS: Enunciate; Statement; Implicit, Intention

INTRODUÇÃO

Objetiva-se neste artigo investigar e problematizar o implícito da enunciação no discurso da Presidenta da República eleita Dilma Roussef, num evento no sindicato dos metalúrgicos, mostrado no dia 10 de abril de 2010 pelo Jornal *online* O Globo. Para isso, aporta-se em Ducrot (1972) ao dizer que comunicar é a troca de informações de diversas maneiras, em diferentes entonações, palavras, gestos, sinais etc., sendo estas explícitas ou

¹ Mestranda em Letras- área de concentração Línguística pela UFMS/CPTL-Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas, Brasil. Cep: 79603-011,Email: nunesmaril@hotmail.com



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

implícitas; ou seja, usar estratégias discursivas cuja intenção é alcançar algo desejado em determinada situação, porém as relações intersubjetivas inerentes à fala não se reduzem somente à comunicação, há grande variedade de relações inter-humanas. Dessa maneira, a língua impõe formas determinadas, não é apenas condição de vida social, mas um modo de vida social, pois se pode sempre atribuir a ela mecanismos “extralinguísticos” sob a condição de dar a palavra sentido diversos sem apresentá-la com evidência em si mesma.

Então, pode-se dizer que a função fundamental da língua é a comunicação, sendo os interlocutores personagens essenciais, pois a comunicação só se realiza quando há interação entre indivíduos em que uma pressuposição é um ato ilocucionário. Pressupor uma proposição não significa declará-la evidentemente. Pode-se dizer que o pressuposto aparece como "insinuado". Por isso ele pode ser considerado um "implícito um “querer dizer”. A pressuposição apresenta duas características fundamentais e inseparáveis: o seu caráter intencional e o implícito (DUCROT, 1972 p.398). Esse é chamado de implícito do enunciado.

Entende-se que o sujeito enunciativo ao enunciar-se implicitamente intenciona dizer algo sem, contudo, aceitar a responsabilidade de tê-la dito, isto é, beneficia-se da eficácia da fala sem se declarar explicitamente. Nesse caso, ele reduz sua responsabilidade à significação literal que pode sempre apresentar como independente. Dessa forma, a significação implícita é posta sob a responsabilidade do ouvinte que, por sua vez, espera sempre um enunciado dotado de sentido, e procura, a partir da informação dada, construir uma representação coerente, por meio da ativação de seu conhecimento de mundo ou de deduções que o levem a estabelecer relações de causalidade. Há também a implicação como manifestação involuntária que é aquela cujo procedimento discursivo evidencia uma significação implícita que parece não ter sido previsto pelo locutor que, muitas vezes, não teve intenção de exprimir tal significação, porém seu interlocutor identifica-a no implícito do discurso, os chamados subentendidos do discurso. Nesse caso, o implícito é uma condição de existência do ato da enunciação, pois para Émile Benveniste (1995, p.241) a subjetividade na linguagem é questão da reciprocidade ou reversibilidade de papéis, uma vez que o sujeito se constitui como sujeito na/ pela linguagem quando diz *eu* instala, automaticamente, um *tu* a quem dirige seu discurso.

Oliveira (2010, p.13-15) diz que para entender o que cada sentença significa é necessário analisá-la com mais cuidado, pois o modo como um acontecimento é apresentado



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

ao mundo não é neutro, há sempre uma intenção. Nesse sentido questiona-se: Qual é a intenção enunciativa presente, mesmo de forma implícita, no discurso investigado? Há neste discurso elementos extralinguísticos reavivadores da memória discursiva dos interlocutores?

ANÁLISE DO ENUNCIADO:

O objeto de análise é o discurso de Dilma Rousseff num evento realizado no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista. Este foi recortado do Jornal *O Globoonline*, publicado em 10 de abril de 2010, às 15h45min. Metodologicamente a análise se dará da seguinte forma: o mesmo será recortado em enunciados em que a analista levará em consideração o lingüístico e o extralingüístico enunciativo para proceder às análises.

“Companheiros e Companheiras do ABC,

Estou aqui hoje e quero aproveitar este momento para me identificar com maior clareza.(...) Vocês sabem quem eu sou, e vão saber ainda mais.(...) Por isso gostaria de dizer que *eu* não fujo quando a situação fica difícil. Eu não tenho medo da luta. Posso apanhar, sofrer, ser maltratada, mas estou sempre firme com minhas convicções. Em cada época da minha vida, fiz o que fiz por acreditar no que fazia. Só segui o que a minha alma e o meu coração mandavam. Nunca me submeti. Nunca abandonei o barco.Não sou de esmorecer.(...) Estarei velhinha, ao lado dos meus netos, mas lutando sempre pelos meus princípios. (...) Não vou destruir o estado, diminuindo seu papel a ponto de tornar-se omissos e inexistente. Não permitirei, se tiver forças para isto, que o patrimônio nacional, representado por suas riquezas naturais e suas empresas públicas, seja dilapidado e partido em pedaços . O estado deve estar a serviço do interesse nacional e da emancipação do povo brasileiro.(...) Democrata que se preza não agride os movimentos sociais. Não trata grevistas como caso de polícia. Não bate em manifestantes que estejam lutando pacificamente pelos seus interesses legítimos.(...) Companheiras e companheiros,aquele país triste, da estagnação e do desemprego, ficou pra trás. O povo brasileiro não quer esse passado de volta. Acabou o tempo dos exterminadores de emprego, dos exterminadores de futuro. O tempo agora é dos criadores de emprego, porque, hoje, o Brasil é um país que sabe o quer, sabe aonde quer chegar e conhece o caminho. É o caminho que Lula nos mostrou e por ele vamos prosseguir. Avançando.Com a força do povo e a graça de Deus.”

(*O Globo online*, 10 de abril de 2010)

Ao discursivisar: “*Companheiros e companheiras*”, interpreta-se que o sujeito enunciativo Dilma Rousseff apropria-se do discurso de Lula da Silva, a fim de transferir a imagem dele



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

para ela, uma vez que essa forma de cumprimento é usada por Lula, tornando-se reconhecida nacionalmente. Apreende-se dessa forma, que mesmo sem pronunciar o nome Lula, ela usa de estratégias discursivas para que seus interlocutores vejam nela a pessoa de Lula. Dessa forma ela ganha autoridade ao seu dizer é como se Lula fosse avalista do pronunciamento dela.

Interpreta-se no fragmento enunciativo: “...gostaria de dizer que eu não fujo quando a situação fica difícil. Eu não tenho medo da luta. Posso apanhar, sofrer, ser maltratada, mas estou sempre firme com minhas convicções. Em cada época da minha vida, fiz o que fiz por acreditar no que fazia. Só segui o que a minha alma e o meu coração mandavam. Nunca me submeti. Nunca abandonei o barco. Não sou de esmorecer.(...)” que a enunciatária refere-se ao seu passado, reaviva a memória discursiva do interlocutor, traz ao momento presente a perseguição política sofrida por ela, quando estudante, na época da ditadura militar no país. Há nesse caso o implícito da enunciação, uma vez que ela não precisou relatar explicitamente esse acontecimento, pois o mesmo já está marcado na memória e na história do povo brasileiro. Dessa forma, Pêcheux (1999, p. 56) explica que memória implica, ao mesmo tempo, uma regularização e uma desregularização sobre os sentidos dados, mobilizada pelo acontecimento novo, que se situa como força capaz de fazer um buraco nos sistemas de implícitos, impedindo-os de se assimilarem como mera paráfrase, mas se transformando em possibilidade geradora de sentido diferente. Por outro lado, sob a perspectiva da enunciação, Brait (2005, p. 64) afirma que o enunciado é o produto de um processo, no caso a enunciação. É esta que o produz deixando nele marcas da subjetividade, da intersubjetividade e da alteridade. Em outras palavras, a enunciação é a língua no mundo por um ato individual de utilização (BENVENISTE, 1995, p. 80). Nesse caso, a locutora faz uso da palavra, usa de estratégias discursivas cuja intenção é relembrar o passado para fortalecer o presente e desse modo alcançar o que se pretende, ou seja, a confiança de seus interlocutores, pois ela e a população brasileira vivem um novo acontecimento histórico e discursivo naquele momento enunciativo, isto é, estão em pré campanhas às eleições presidenciais.

Ao enunciar: “Estarei velhinha, ao lado dos meus netos, mas lutando sempre pelos meus princípios.(...)”, percebe-se a ideologia cristã cristalizada nesse discurso, uma vez que a nação brasileira é fundamentada no cristianismo em que a família é vista como “célula mestra” à formação social. Então, a enunciatária enfatiza implicitamente a referida doutrina, pois sendo ela uma pessoa pública politicamente não pode correr o risco de contrariar alguém



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

que não comunga da mesma ideologia. Dessa forma, Ducrot (1972, p.14) nos ensina que a necessidade do implícito em algumas situações, prende-se ao fato de que toda afirmação explicitada torna-se, por isso mesmo, um tema de discussões possíveis. Tudo que é dito pode ser contradito. Não poderia anunciar uma opinião sem expô-la às eventuais objeções dos interlocutores. Nessa situação, faz-se necessário, naquele momento, Dilma Rousseff se identificar como uma pessoa comum em que seu percurso de vida é parecido com o dos demais cidadãos brasileiros, pois sua intenção é de se tornar presidenta do Brasil.

A ex-ministra ao discursivizar: “ Não vou destruir o estado, diminuindo seu papel a ponto de tornar-se omissa e inexistente. Não permitirei, se tiver forças para isto, que o patrimônio nacional, representado por suas riquezas naturais e suas empresas públicas, seja dilapidado e partido em pedaços . O estado deve estar a serviço do interesse nacional e da emancipação do povo brasileiro(...)”, entende-se, nas entrelinhas, que ela se refere a privatização, ou seja, a política defendida pelo PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) do qual seu adversário político é integrante. Apreende-se nesse enunciado que ela de forma implícita se posiciona contra a desestatização, porém, ao mesmo tempo deixa uma lacuna de incerteza quando diz: “(...) se tiver forças para isto, (...)”, entende-se no “fio do discurso” que essa frase expressa uma possibilidade da qual a atitude em defesa ao patrimônio nacional pode ou não estar ao alcance da enunciatária. Nesse caso, ela se redime de tal responsabilidade. Ducrot (1972, p.17) explica essa estratégia discursiva quando diz que certos atos de fala podem ser interpretados como tentativas de fazer admitir sua própria possibilidade, muitas vezes negando sua responsabilidade sobre o que fora dito. Desse modo, são vistos como dando a entender ao destinatário que as condições são satisfeitas e que tais condições tornam eles próprios legítimos ou explicáveis. Nesse caso, o implícito se encontra no ato da enunciação. Portanto, para cada lei do discurso corresponderá a uma interpretação. Assim, todo ato discursivo irá satisfazer as condições exigidas a determinadas situações as quais o enunciado se irrompeu. A ex-ministra contesta a política neoliberal de privatização sem se declarar explicitamente, porém não assegura firmemente se, quando estiver na administração do país, terá poder para impedir que isso seja realizado.

A enunciatária, mais uma vez, se refere às atitudes de seu adversário político sem assumir a responsabilidade de tê-las dito, interpreta esse ato discursivo quando ela se pronuncia: “ (...) Democrata que se preza não agride os movimentos sociais. Não trata



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

grevistas como caso de polícia. Não bate em manifestantes que estejam lutando pacificamente pelos seus interesses legítimos(...)”. Nesse enunciado, ela deixa pistas de que está se referindo aos acontecimentos sociais, em São Paulo, em que grevistas foram proibidos de reivindicar seus direitos, fato este ocorrido quando os professores em greve desde o dia 08 de março de 2010, sofreram diversos atos de violência por parte da polícia militar, principalmente na manifestação ocorrida no dia 26 de março, quando dezesseis pessoas ficaram feridas por ataques de bombas de efeito moral e golpes de cassetetes e, em 09 de julho do mesmo ano, a PM (Polícia Militar) espancou também grevistas do Judiciário paulista. Pode-se afirmar então, ao analisar o referido fragmento enunciativo, que o processo de construção de sentido nasce de um acordo entre os participantes de um discurso que negociam dentro do seu conjunto de crenças o como pretendem referir-se às entidades que estão no mundo dependendo do que desejam alcançar, isto é, de acordo com sua intenção enunciativa. Segundo Marcuschi (In: Miranda e Name, 2005, p.50), “a ordem do nosso conhecimento e das instituições que o suportam não é uma ordem natural, mundana. É uma ordem essencialmente cognitiva e interativamente semiotizada”, ou seja, o mundo não é retratado como se fosse uma entidade fixa e pronta esperando para ser etiquetado ou algo que estaria em nossas mentes esperando simplesmente para ser verbalizado. Sendo assim, o que dizemos sobre o mundo decorre de nossa atuação intersubjetiva e de nossa inserção sociocognitiva no mundo em que vivemos, de modo que os objetos aos quais fazemos referência não são realmente objetos do mundo, os objetos referidos são objetos do discurso construídos objetivamente por um recorte intersubjetivo em uma determinada época por uma determinada comunidade, dependendo da intenção daquele que se pronuncia.

Ao finalizar seu discurso, a enunciatária, por meio dos dêiticos marcadores de tempo, exalta a atual administração do Brasil e condena as anteriores. Não cita nome dos antigos administradores, porém denigre tal administração atribuindo-lhes a responsabilidade da estagnação econômica e social do país. Isso é possível apreender quando ela diz: “Companheiras e companheiros, aquele país triste, da estagnação e do desemprego, ficou pra trás. O povo brasileiro não quer esse passado de volta. Acabou o tempo dos exterminadores de emprego, dos exterminadores de futuro. O tempo agora é dos criadores de emprego, porque, hoje, o Brasil é um país que sabe o quer, sabe aonde quer chegar e conhece o caminho. É o caminho que Lula nos mostrou e por ele vamos prosseguir. Avançando. Com a



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

força do povo e a graça de Deus.”É visto que a enunciatória se reporta de modo para alcançar determinado fim. A forma como procede para obter o desejado revela as intenções de como as ações discursivas foram planejadas, no entanto para que haja correspondência comunicativa é necessário que seu interlocutor tenha conhecimento extralinguísticos para poder entender as possíveis inferências realizadas acerca daquilo que está implícito. Essa capacidade de processar inferências revela, simultaneamente, o conhecimento prévio e compartilhado sobre o que está sendo dito, uma vez que se constituem como elementos base, situado no conhecimento de mundo funcionando como sustentáculo de todos os outros. Entende-se que são esses saberes extralinguísticos que muitas vezes conferem sentido ao que é dito, pois o significado de uma palavra é afetado pela experiência cultural e social que se tem com ela através das interações cotidianas. Pode-se dizer que o implícito não é encontrado, mas reconstituído(DUCROT, 1972,p.20)

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Buscou-se neste trabalho algumas reflexões sobre o implícito enunciativo no discurso da Presidenta eleita do Brasil Dilma Rousseff. Chegou-se a conclusão que o enunciado vem ao mundo tecidos por fios ideológicos, pois há sempre uma intenção comunicativa por parte dos envolvidos nesse processo e há sempre um novo acontecimento, mesmo quando se remete ao passado, a intenção do enunciatário é fortalecer o presente dando a ele um novo sentido. Notou-se também que dependendo da posição do enunciatário ele usará estratégias discursivas, no caso, o implícito da enunciação base dessa pesquisa, como forma de se esquivar da responsabilidade de ter dito algo. Dessa forma, fica ao interlocutor a tarefa de processar mentalmente a informação, buscar conhecimentos extralinguísticos para a construção de sentido e interpretação do enunciado.

O enunciator e seu interlocutor ao partilharem saberes em uma dada cultura, tornam-se capazes de compreender uma série de enunciados, inclusive de antecipar o que ainda será dito ou até mesmo completar frases inacabadas. Portanto, a construção de sentido em uma situação comunicativa exige dos interlocutores uma série de estratégias e conhecimentos linguísticos, cognitivos e culturais, pois são eles que os permitem estabelecer as relações implícitas e elaborar o significado levando os envolvidos nesse processo comunicativo a



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

interpretação e a (re) produção do enunciado em um novo acontecimento enunciativo e histórico.

Em sua, mais uma vez aporta-se em Ducrot ao afirmar que o ato de tomar a palavra não é livre e nem gratuito, uma vez que certas condições devem ser satisfeitas para que se tenha o direito de falar desta ou daquela maneira, toda fala deve se apresentar como motivada, respondendo a certas necessidades ou visando certos fins. (1972, p.16)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

DUCROT, O. Implícito e pressuposição. In: _____. *Dizer e o dito*. São Paulo: Cultrix, 1972.

MARCUSCHI, L. A. A construção do mobiliário do mundo e da mente: Linguagem, cultura e categorização. In: MIRANDA, N. S. e NAME, M. C. (Orgs.). *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Ed UFJP, 2005.

OLIVEIRA, R. P. *Semântica formal: uma breve introdução*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

PÊCHEUX, M. 1999. Papel da memória. In: P. ACHARD (org.), *O papel da memória*. Campinas, Pontes.

<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2010/04/10/confira-integra-do-discurso-de-dilma-rousseff-no-sindicato-dos-metalurgicos-do-abc-916311425.asp> acesso em 15-12-2010.